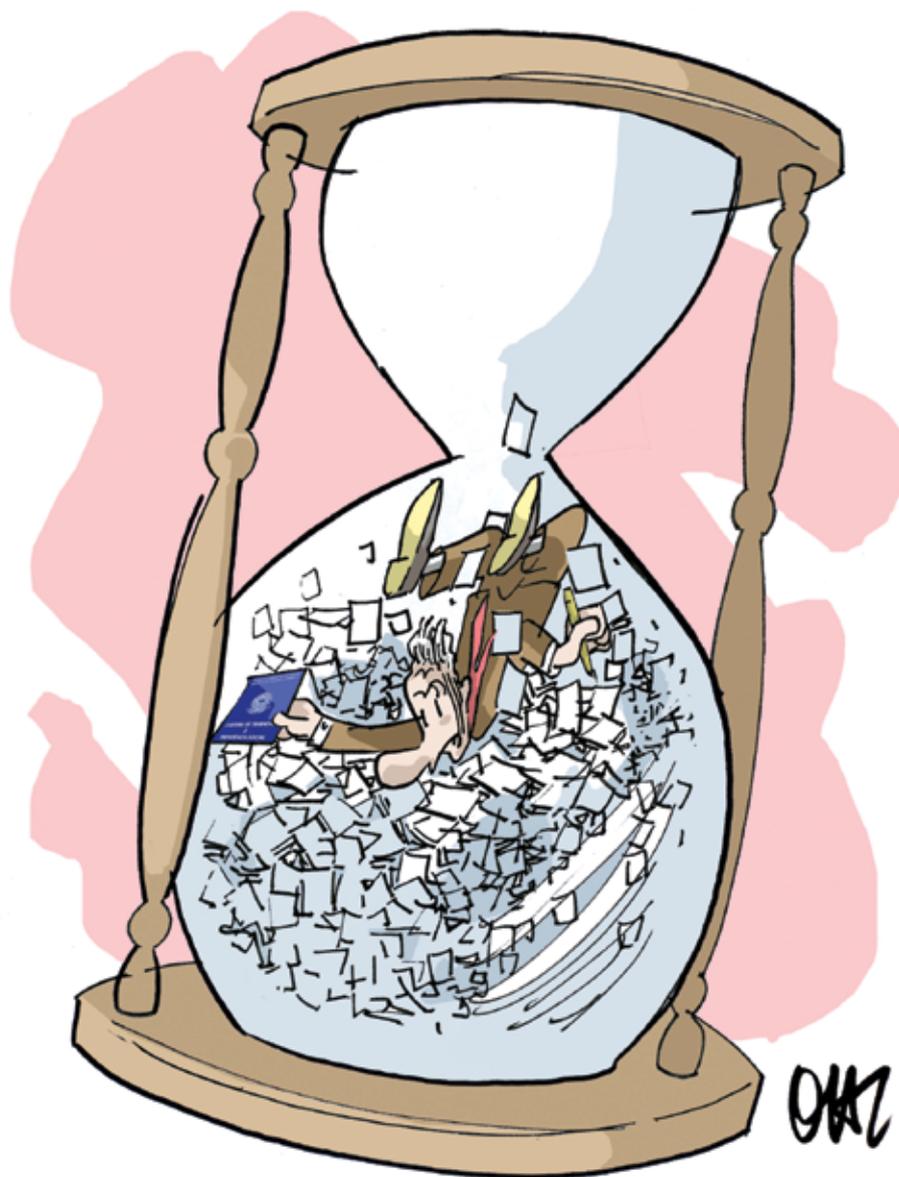


CRÔNICA DE CERTA TRAJETÓRIA DOCENTE IMAGINÁRIA, OU QUASE

Flávio C. A. Tavares

Professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP).

Membro do Conselho Editorial da *Revista Adusp*



Imaginemos: pessoa talentosa gradua-se em universidade pública com ótimas notas, bolsas de iniciação científica, participação em congressos.

Parece garantido seu passaporte para a pós-graduação ou um bom emprego. Mas este não aparece e nosso personagem conclui mestrado e doutorado valendo-se de bolsas de estudos. Como ainda não surge o bom emprego, concorre a bolsas de pós-doc. Luta para sobreviver. Consegue, por fim, aprovação em concurso para universidade pública!

Mas descobre, depois de algum tempo, que ao aposentar-se receberá um pífio benefício...

Estamos a viver no Brasil uma situação no mínimo preocupante e que parece estar acontecendo em vários lugares... Imaginemos que uma pessoa de talento, dedicada, conclui seu curso de graduação em universidade pública com ótimas notas, estágio com bolsas de iniciação científica, participação em congressos com apresentação de trabalhos e sempre fez tudo certinho. Tudo indica que tem garantido seu passaporte para a pós-graduação ou um bom emprego.

O emprego não apareceu e com bolsa de estudos conclui o mestrado em breve tempo trabalhando o mesmo tema da IC e, quase sempre, também o doutorado na mesma linha. Dotado de inegáveis qualidades e revelando talento para a pesquisa, acha que tem futuro e que precisa publicar grande número de artigos, de preferência em revistas de grande impacto. Assim, estará se qualificando para ingressar na vida profissional em instituições de prestígio ou com maiores chances de ganhar um bom salário. Acreditando nesse talento e nos anos de dedicação aos estudos, na falta de oportunidade de um bom emprego para um doutor, passa a concorrer a bolsas de pós-doutorado e assim, com várias renovações, começa a se sentir ainda mais competitivo para participar de concursos para ingresso na carreira docente ou de pesquisador, tanto faz!

Esse início na vida profissional é uma fase incerta para a maioria, com muitas desistências e, também, vitórias. Nesse começo sabe que estará

sempre posto à prova, e que precisará de muito esforço para publicar o maior número possível de trabalhos. Logo percebe que, sozinho, a tarefa é difícil. Recorda que no mestrado ajudou estudantes de iniciação científica e que no doutorado ajudou mestrandos... Sabe que este é um ótimo modelo a seguir e com maiores chances de continuar sendo produtivo, mesmo percebendo que muitos grupos de pesquisa, ao agir assim, na realidade praticam uma forma de terceirização

“Entra em contato com aquele orientador a quem tanto deve, líder do grupo de pesquisa com quem trabalhou vários anos. Este, com satisfação, faz contato com outro colega líder, e nosso personagem consegue mais uma bolsa de pós-doc — e se ampliam as redes de influência”

da orientação, que em muitas situações tem como maior beneficiário o líder do grupo de pesquisa, que amide impõe seu nome como co-autor de tudo o que é produzido.

Sabe que há casos de famosos com centenas de trabalhos publicados e que há uma febre para vencer barreiras anuais de publicações, mais que trinta ou quarenta trabalhos por ano, e até mais, o que é visto como exemplo a ser valorizado e invejado

por outros. Mas não há tempo para questionar essa forma de fazer.

Nessa trajetória, a pessoa que imaginamos de talento, empreendedora e sempre atenta às oportunidades vai ao exterior fazer um *post-doctorate* e se lá não fica, retorna acreditando ter mais trunfos para poder vencer os competidores. Mesmo vivendo em condições de precariedade acredita em si — e se chegou a constituir família, a vida que já era apertada passou a ser apertadíssima e com muitas renúncias.

Percebe que precisa fazer mais e tudo faz para ser aprovado em concursos, pois precisa de alguma estabilidade, afinal há outros a cuidar.

Se não for aprovado, pode contar com uma vitória a mais a acrescentar no currículo, mas tem que continuar insistindo.

Pode ser que tenha chegado a dar algumas aulas numa faculdade particular e, neste caso, certamente aprendeu que precisa esconder seus títulos e currículo, pois além de não se pagar pelos títulos e pelo “mérito” que lhe foi tão caro construir, em algumas “instituições” estes podem, mesmo, lhe custar o emprego. Submetendo-se, sabe que foi contratado em condição precária e remunerado por hora-aula por valor indecentemente baixo. Para ganhar um pouco mais do que uma bolsa de estudos tem que assumir mais de 30 horas por semana e muitas obrigações. Dificilmente resistirá nessas condições, pois a lide docente toma muito tempo e logo se sente pouco produtivo, desmotivado diante de tantos alunos desinteressados e mal preparados. Um atraso para a vida dinâmica a que se acostu-

mou e com resultados conquistados com tanta dedicação.

Sente-se perdendo *status* como pesquisador produtivo e sabe que merece sucesso, prestígio e poder. Humildemente, entra em contato com aquele orientador a quem tanto deve por sua formação de alto nível, o reconhecido líder do grupo de pesquisa com quem trabalhou vários anos. Este, com satisfação, faz contato com outro colega líder e, assim, com um novo e estimulante projeto, nosso personagem consegue mais uma bolsa de pós-doutorado — e, também dessa forma, se ampliam as redes de influência.

À parte os casos de exceção, ao redor dos 35 anos inicia sua carreira profissional, com grandes expectativas, pois passou em concurso numa universidade pública. Já estava, mesmo, cansado de viver de bolsas e agora, sim, venceu muitos concorrentes e candidatos com excelentes currículos. Seu talento e mérito construído ao longo dos anos de formação foi, enfim, reconhecido.

Agora a vida é outra, mas logo percebe que, junto com a oportunidade de se colocar profissionalmente, quase sempre tem que conquistar espaço, uma salinha ou um cantinho da bancada cedido por alguém mais cordial; e batalhar muito para conseguir recursos para sustentar seu trabalho, quase que sozinho, pois afinal não paga água e luz e ainda tem um espaçozinho para trabalhar. Sabe que tem de se firmar também como líder de grupo de pesquisa, formar seu próprio grupo; e que precisa batalhar em outras frentes para ser creditado

junto às agências de fomento, afinal as conhece bem, pois vivendo de bolsas sempre se esmerou em apresentar substanciais relatórios revelando seu excelente desempenho na pós-graduação e pós-doutorados. Ser visto com bons olhos pelas agências financiadoras valeu à pena e sabe que não pode e não deve descuidar-se nunca...

Mas a luta continua e há que prestar mais concursos para ascensão na carreira, o que demanda maior cuidado com o preenchimento do Currículo

***“Nossa
pessoa imaginária
deixou de contribuir para
a Previdência enquanto vivia de
bolsas. Na meia idade, sente cumprido
um sonhado objetivo de vida, mas
vislumbra que aos 70 anos, se ainda
tiver saúde, estará na aposentadoria
compulsória e sem saber ao
certo quanto receberá”***

Lattes. Percebe que precisa ser ótimo administrador e, principalmente, dar aulas na pós-graduação, pois aí está a fonte de muitos trabalhos publicados — e ainda bem, sem ter que enfrentar estafantes e numerosas aulas com salas cheias de estudantes desmotivados. Sente que está no caminho certo, fazendo aquilo que sempre quis e formando seu próprio grupo de pesquisa.

Ocorre que o tempo passa — e nossa talentosa pessoa imaginária dei-

xou de contribuir para a Previdência enquanto, por falta de um emprego, vivia de bolsas. Como sempre viveu na incerteza de conseguir a renovação das bolsas, à cata das oportunidades de concursos ou de promessas de dias melhores, não teve tempo para se preocupar com coisas mundanas. Na meia idade, depois de outros tantos concursos para progressão na carreira, sente afinal cumprido um sonhado objetivo de vida, mas aos poucos percebe que o tempo passou. Preocupado, vislumbra que aos 70 anos, se ainda tiver saúde, estará na aposentadoria compulsória e sem saber ao certo quanto receberá como aposentado. Pelas regras atuais, faltariam alguns meses para completar 35 anos de contribuição. E agora?

Depois de tanto tempo preocupado com coisas sérias, esqueceu de fazer as contas considerando um ciclo de vida normal e nunca teve tempo para se preocupar em saber o que são direitos trabalhistas e outras mesquinhas em que as associações de docentes sempre insistem. Ora, as greves! Nem pensar. Sempre achou que atrapalham o trabalho e por isso sempre detestou reivindicações e, mais ainda, paralisações.

Mas, fazendo as contas, agora descobre que sofrerá rebaixamento de seu poder aquisitivo quando vier a receber o benefício previdenciário. Talvez dê-se conta, então, de que sucumbiu a uma forma desumana de tratamento concedida a quem tanto se dedicou e tanto acreditou estar contribuindo para o desenvolvimento científico e tecnológico, a inovação e o progresso do País.